

## Representações sociais de velhice e suas relações com declínio e finitude em comentários e críticas publicados na mídia

*Social representations of old age and their relations with decline and finitude in comments and criticisms published in the media*

Maria Angélica Ferreira Dias  
Constança Paúl  
Helena Akemi Wada Watanabe

**RESUMO:** Representações sociais sobre a velhice, tanto na literatura sobre o tema, quanto nas repercussões de dois acontecimentos noticiados pela mídia - o lançamento do filme *Amour*, de Michael Haneke, e o suicídio do ator, diretor e produtor brasileiro Walmor Chagas, aos 82 anos -, mostram uma associação entre velhice, declínio e finitude, que ora é contestada, ora é reafirmada em suas ligações, e demanda atenção quanto aos aspectos que se apresentam como naturalizados.

**Palavras-Chave:** Representações sociais; Velhice; Finitude.

**ABSTRACT:** *Social representations of old age, both in related literature and in reverberations of two events reported in the media – the Michael Haneke film’s release Amour, and the suicide of actor, director and Brazilian producer Walmor Chagas aged 82 –, show an association between old age, decline and finitude, which is sometimes contested, sometimes reaffirmed in their connections, and demands attention on the aspects that are shown as being natural.*

**Keywords:** *Social Representations; Old Age; Finitude.*

Há diferentes perspectivas pelas quais o envelhecimento humano é compreendido. Pode-se, por exemplo, entendê-lo pela ótica da Biologia, da Sociologia, da Psicologia, da Filosofia... ou ainda por uma conjunção delas, quando reconhecemos que o fenômeno é complexo. O envelhecimento, em si, é um fenômeno diverso, bem como as formas de compreendê-lo.

No campo da ciência, a Gerontologia considera fundamental a perspectiva holística (Paúl & Ribeiro, 2012). Há a tendência de que o conhecimento científico produzido na área se torne cada vez mais multidisciplinar (Paúl, 2012).

Tal qual o envelhecimento, a velhice também é compreendida e representada de forma diversa. Autores como Leal (2009) e Mercadante (2009), por exemplo, argumentam que a velhice deve ser considerada para além do aspecto biológico, incluindo-o. A primeira afirma que a “velhice não é só biológica, mas também biográfica, pois cada indivíduo tem sua história, que deve ser levada em conta em intervenção individual ou social” (p.50). A segunda, que a “velhice é, decerto, um fenômeno biológico, mas entendê-la apenas dessa maneira significa reduzir a questão e não analisá-la em sua totalidade e complexidade, o que implica ignorar os aspectos psicológico, social e, principalmente, cultural” (p.35).

No presente momento, o Brasil passa por um processo acelerado de aumento da população idosa, que é ilustrado pelas pirâmides demográficas atuais e pelas projeções populacionais futuras. Compreender as diferentes representações sociais sobre a velhice – o que buscamos, aqui, por meio de uma revisão de literatura e da análise de duas notícias da mídia - torna-se, nesse contexto, importante por trazer elementos que possam auxiliar na construção de uma velhice saudável e satisfatória.

A representação social caracteriza-se por:

uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (...) Geralmente reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as organizações sociais (Jodelet, 2001, p.22).

Diferentes autores, conforme revela levantamento bibliográfico realizado por Teixeira *et al.* (2007), mostram a valorização da juventude em detrimento da velhice em

nossa sociedade. Outros, como Silva (2008), analisam a passagem da “velhice” à “terceira idade”, destacando a importância de haver espaço, em nossa cultura, à vivência da heterogeneidade, da diversidade, nesse período da vida, valorizando a agitação e a quietude; a atividade e a inatividade; a disposição e o descanso.

Em pesquisa sobre representação social de idosos, Araújo, Coutinho e Santos (2006) encontram uma conotação negativa que associa velhice à doença. Vianna, Loureiro & Alves (2012) citam estudos em que a velhice aparece como sinônimo de morte, para muitos idosos. De um modo geral, o mesmo ocorreria na sociedade: “Em nossa sociedade, morte e velhice são encaradas como sinônimas, ambas constituindo um tabu, uma ameaça à ilusão de imortalidade alimentada pelo mundo moderno” (p.119). Abordam ainda a questão relativa ao desejo de morte, por parte dos idosos poder estar relacionada ao abandono e à solidão.

Guerra e Caldas (2010), embasados em levantamento bibliográfico que realizaram, sistematizam a ideia de que a representação social negativa dos idosos é assimilada pelos mesmos, provocando reações como negação da velhice, passividade, isolamento, agressividade e contribuem para a exclusão do idoso. Alertam também para a diversidade de representações passíveis de serem encontradas no Brasil, por exemplo, circulando em grupos de idosos com características diversas quanto à situação socioeconômica, às regionalidades e religiosidades, entre outros fatores.

Pesquisa realizada por Costa e Campos (2009) com idosos em município da região Centro-Oeste do Brasil, sobre representação social da velhice, encontra como resultado um campo comum em que esta aparece como sinônimo de declínio e morte, ainda que os idosos pesquisados sejam frequentadores de universidade, clube e centro de convivência – propostas tidas como oportunidades, conquistas, ganhos dos idosos na sociedade contemporânea.

Em 1970, em seu livro *A Velhice* (1990), Simone de Beauvoir abordava a negação vigente sobre essa fase da vida e o propósito da autora em “quebrar a conspiração do silêncio” (p.8), acerca da velhice.

Vivemos novos tempos, numa sociedade em que bastante se fala de velhice, atenta aos índices de envelhecimento populacional, mas muito ainda hoje reconhecemos do relato de Beauvoir: a relação ameaçadora velhice/morte; a negação, em novos trajés; o abandono.

Em seu intento de “forçar os leitores a ouvir a voz dos velhos”, Beauvoir se esforça por criar uma identificação dos jovens com os velhos, estes colocados

constantemente como futuro daqueles. Descreve o âmbito econômico, em que se quebra a solidariedade entre os “trabalhadores” e os “improdutivos”, e a aposentadoria é um problema; o âmbito social, em que os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações de outrora, nos velhos escandalizam, e a recorrente cobrança de serenidade, violenta por ocultar uma expectativa de que se calem as reações. Do velho, uma representação social de “sábio”, restando a de “louco” aos que se afastam da primeira – ambas desumanas. E, devido à decadência física, “a velhice aparece como uma desgraça” (p.12), afirma Beauvoir.

A História da velhice nas culturas ocidentais revela com bastante frequência seu lugar marginal na vida cotidiana, como mostra Minois (1999). A associação entre velhice e decadência/declínio e finitude é uma constante.

Mercadante (2009) explica que muitas vezes o velho rejeita essa imagem estigmatizada da velhice, não se identificando com ela. Ao fazer isso, não se reconhecera como velho (com essa identidade social da velhice) - o velho seria o “outro”, colocando a velhice em oposição à juventude. No entanto, a autora explica que a negação dessa velhice estigmatizada pode significar também o reconhecimento de uma subjetividade do velho, que nega essa identidade social estigmatizada, podendo construir uma outra forma de ser velho: um sujeito que “não se define na contraposição a uma ‘alteridade jovem’, mas sim na produção de uma ‘subjetividade’ negadora da identidade-estigma” (p.42).

Essa “identidade-estigma”, porém, influenciada por representações negativas de velhice e envelhecimento, está muito presente na sociedade. A velhice fica caracterizada como uma fase de perdas.

Segundo Le Breton (2011, p.227):

Envelhecer, para a maior parte dos ocidentais, sobretudo nas camadas populares, mas não somente, é entregar-se a um lento trabalho de luto, que consiste em despojar-se do essencial daquilo que foi sua vida, em desinvestir as ações outrora apreciadas, e em admitir pouco a pouco como legítimo o fato de possuir apenas um controle restrito sobre sua existência.

Reconhecendo o caráter social do envelhecimento, o autor situa a velhice como um sentimento, na medida em que “é o outro, sobretudo, que espelha sob uma forma depreciativa a inscrição da senescência” (p.235). A velhice, assim, torna-se um estigma. O autor afirma ainda:

O velho está, na percepção comum, reduzido ao seu mero corpo, sobretudo, com certeza, nas instituições (...) Na maior parte das instituições, a espessura humana, a singularidade individual, é apagada sob o clichê único do corpo danificado, do corpo que precisa ser alimentado, do corpo que deve ser lavado. O velho já não é sua história, já não é sujeito, mas um corpo desfeito, cuja higiene e sobrevivência é preciso cuidar (*sic*) (...) o velho é objeto de seu corpo, e não mais completamente sujeito(...) O envelhecimento, em termos ocidentais, marca a redução progressiva ao corpo, uma espécie de escravização a uma dualidade que opõe o sujeito ao seu corpo e o torna dependente deste último (p.226).

A esse respeito, Mercadante reforça a afirmação de Le Breton (2011):

Ora, a vivência primeira da velhice se dá no corpo. O corpo por si só não revela como atributo a velhice, porém, uma vez que ela, como estigma, instala-se no corpo, passa a inquietar o idoso. Certamente, a inquietação decorre de uma avaliação também estigmatizada e, em consequência, de uma abominação do indivíduo diante do próprio corpo. A visão de um corpo imperfeito – “em declínio”, “enfraquecido”, “enrugado” etc. – não avalia apenas o corpo, mas sugere imediatamente ampliar-se além dele, sobre a personalidade, sobre o papel social, econômico e cultural do idoso (p.40).

Estudo de Bimbato (2008, p.72) acerca da representação da velhice por profissionais de uma equipe do Programa Saúde da Família, no estado de São Paulo, revela:

Diversas concepções foram manifestadas pelos entrevistados sobre a velhice, de acordo com sua formação, idade e experiência de vida (pessoal ou profissional), como: velhice sendo uma fase de sabedoria e experiência de vida; evolução natural do corpo humano; estado de

espírito; fase que se assemelha ao mundo infantil; melhor idade; fase de decadência ou solidão.

A autora, que enfatiza como resultado de sua pesquisa a existência de representações negativas sobre a velhice, aponta a necessidade de melhor preparo de profissionais da saúde para lidar com pacientes nessa fase da vida, bem como o fortalecimento de políticas públicas na área. Embora não explicita a leitura que faremos a seguir, o trecho citado dá base para afirmarmos que representações aparentemente qualificadas como positivas (“melhor idade”; “sabedoria” e a associação com o universo infantil) muitas vezes revelam – ou ocultam – violências, na medida em que podem significar a negação da velhice; o desconhecimento de suas particularidades como uma fase diversa da infância (o velho ridicularizado, tratado com paternalismo, desrespeitado em sua subjetividade); ou ainda a exigência de ser sábio. Silva, citada acima, também aborda o tema de modo a permitir essa leitura.

Outra representação diz respeito ao velho ser visto como alguém cujo tempo é o passado, sendo a velhice apenas um período de espera pela morte; um período vazio; de declínio. De acordo com Mercadante (2009), essa é uma forma de negar a possibilidade de um futuro para o velho. Segundo a autora:

A negação do futuro, a noção de um tempo que passa e que, ao passar, implica a decadência do corpo e do espírito do velho colocam-se como qualidades negativas socialmente imputadas aos idosos, criando, assim, um modelo, uma identidade genérica de velho (p.42).

Bimbato (2008) apresenta ainda, como resultado de sua pesquisa, que os profissionais apresentam sentimentos como medo e ansiedade ao pensarem no próprio envelhecimento, considerando o contexto atual.

O levantamento bibliográfico realizado mostra que a velhice verbalizada, seja como em sua história; seja na experiência atual; ou como hipótese futura imaginada, não se apresenta em boas perspectivas, quanto às representações, sendo frequentemente relacionada a declínio e finitude.

*As representações sociais da velhice e sua relação com Declínio e Finitude no cotidiano de nossa sociedade – comentários e críticas, divulgados na mídia*

Fatos de diferentes naturezas, ocorridos e noticiados nos meses de passagem de 2012 para 2013, ilustram e revelam a velhice e o envelhecimento como um tema de relevância, gerando repercussões e polêmica – ora locais, ora mais globais – acerca das representações sociais que sustentam ou inspiram.

Por meio de críticas e comentários suscitados pelo lançamento do filme *Amour* e de comentários à notícia sobre o suicídio de Walmor Chagas, publicados na mídia, ilustraremos o tema foco deste artigo.

### **O lançamento do filme *Amour***

Um exemplo do que expusemos acima pode ser verificado com o lançamento, em diferentes países, do filme *Amour* (Áustria, França e Alemanha), de Michael Haneke, que tem como temática a vida de um casal de idosos – Georges e Anne – imediatamente antes e após um AVC sofrido pela esposa. A relação de cuidado, do marido à esposa, culmina com a morte dela, por sufocamento, causado por ele. Uma relação de amor. E homicídio. Assim a questão é apresentada: os temas são incômodo e explicitamente amarrados pelo título, pela história, pela construção das cenas, e reafirmados pelo impacto do público.

A morte (e não só ela, claro) como um ato de amor na história contada traz à tona a reflexão sobre dignidade, qualidade de vida, circunstâncias do envelhecimento e/ou necessidades especiais, e remete a familiares idosos nos comentários às críticas ao filme, numa clara identificação do público, manifesta por diferentes sentimentos.

Bem classificado pela crítica profissional, despertou sentimentos diversos no público em geral, que se manifestou em *sites* voltados à crítica cinematográfica, em que os críticos profissionais publicaram suas opiniões.

A identificação do público com a situação vivenciada pelos personagens revela a velhice como uma possibilidade de experiência dolorosa para os familiares que a acompanham, suscitando tanto o reconhecimento da necessidade de se discutir o assunto quanto a vontade de não tocar nele, pela dor que provoca, parecendo gerar,

dentre tantos sentimentos diferentes, raiva, como se o filme traísse a defesa dos desavisados, como podemos observar nos trechos de comentários destacados abaixo<sup>1</sup>:

*“Assisti ontem e gostei muito, mesmo sendo pesado. Achei comovente, ao mesmo tempo bonito e triste, me lembrou meus avós paternos. Pra gente refletir por muito tempo ainda.”*

*“filme ruim dos infernos!!! dane-se que tem uma fotografia e direção de arte, o filme não funciona e chega a ser ofensivo para quem já passou por tudo aquilo que os personagens passam... mais atenção antes de indicar um filme assim...”*

*“Assisti esse filme e achei muito horrível. Quem passou ou passa por essa situação, não acha nada de belo ou amoroso. É triste pessoas terem que pagar para ter esse tipo de sentimento (...)”*

*“Haneke não faz filmes pra gente se sentir bem, muito pelo contrário. É pra refletir mesmo. Vi de perto coisa semelhante com meus avós, fiquei triste em alguns momentos do filme ao lembrar de algumas coisas. Mas ao mesmo tempo não deixa de ser uma realidade (...)”*

Na crítica assinada por Pablo Villaça<sup>2</sup>, a velhice aparece como um privilégio (apesar das “indignidades” que possa guardar) – outra representação que circula:

...Assim, não deixa de ser assustador pensar que, de certa forma, Anne é uma felizarda por ter tido a oportunidade de construir memórias e envelhecer – e que as indignidades de seu terceiro ato de vida são uma nota de rodapé sob o longo texto que representa sua jornada. E que, neste sentido, atravessamos nossas existências buscando estabelecer laços e despertar amores que nos tornem dignos de, ao fim, termos nossos corpos enfeitados com pétalas coloridas por aqueles que deixamos para trás.

<sup>1</sup> Disponível em: <http://omelete.uol.com.br/oscar/cinema/amor-critica>.

<sup>2</sup> <http://www.cinemaemcena.com.br/plus/modulos/filme/ver.php?cdfilme=12369>.



Diferente da crítica de Villaça, em que **chegar à velhice** é um privilégio, Roger Ebert<sup>3</sup>, no Chicago Sun-Times, aponta que **suportar a velhice** seria um privilégio, uma prerrogativa que não é para todos, mas para os fortes. A velhice aparece, então, como uma realidade difícil que demanda uma força que nem todos teriam:

“Old age ain't no place for sissies,” Bette Davis is said to have said, and the longer age lasts, the less of a sissy you can be. (...)

Old age isn't for sissies, and neither is this film. Trintignant and Riva courageously take on these roles, which strip aside all the glamor of their long careers (he starred in "A Man and a Woman," she most famously in <sup>4</sup>"Hiroshima, Mon Amour"). Their beauty has faded, but it glows from within. It accepts unflinchingly the realities of age, failure and the disintegration of the ego.

Não fica claro, na crítica, a quem exatamente ele atribui as dificuldades da velhice, que demandariam força, se apenas à “beleza que se desvanece”, a seu ver, ou se a relaciona também com “falência” e “desintegração do ego”, que ele relata acontecer na experiência da personagem.

Já na crítica de Susana Schild, no *O Globo*, a velhice aparece claramente associada à humilhação e à falta de dignidade:

Quando Anne sofre seu primeiro derrame, fica evidente que a perversão tão cultuada por Haneke se traduz desta vez por um **algoz implacável — o tempo —, senhor de uma inapelável degradação física e psicológica** (*grifos nossos*). O fim parece tão próximo que pode ser tocado com as mãos que antes deslizavam pelas teclas do piano. Em sua última batalha, **o velho casal tenta o impossível: aplacar a humilhação e preservar a dignidade** (*grifos nossos*) — principalmente a do outro. Uma atitude inocente, como a forma pela qual uma atendente penteia Anne, pode provocar uma reação extrema de Georges, que não aceita a insensibilidade alheia com alguém que ainda, e apesar de tudo, lhe comove tanto.

<sup>3</sup> <http://www.rogerebert.com/apps/pbcs.dll/article?AID=/20130109/REVIEWS/130109977>.

<sup>4</sup> <http://rioshow.oglobo.globo.com/cinema/eventos/criticas-profissionais/amor-7648.aspx>

A representação negativa da velhice, aqui, é atribuída a uma “inapelável degradação física e psicológica” – uma questão de “tempo”, este “implacável”, na visão da crítica, mas também a fatores sociais – a “insensibilidade” dos prestadores de cuidados.

A perspectiva que clama por atenção social ao assunto (o que sugere que discutir o tema possa melhorar as dificuldades identificadas na vivência mostrada no filme, não as naturalizando) encontra-se presente também no comentário de um leitor à crítica publicada no “The Hollywood Reporter”<sup>5</sup>:

As someone who suffers from progressive MS, I think it's so important for cinema to confront society's approach to the needs and care of its ill and aging people.

Assim, nos trechos destacados, a velhice aparece, então, como uma conquista, uma vitória; uma prova de resistência, um desafio para fortes; uma fase de humilhações e falta de dignidade; degradação; vulnerabilidade. Representações que naturalizam a fragilidade e a dignidade nesta fase da vida se mesclam a representações que as condicionam ao ambiente envolvendo qualidade de cuidados.

O crítico de cinema e jornalista português João Lopes<sup>6</sup> manifesta seu incômodo em ver o filme *Amour* como um “retrato da velhice”. No entanto, não podemos deixar de notar que esta é uma de suas possibilidades de leitura, e que motiva uma discussão mais do que necessária sobre formas de envelhecimento e suporte a diferentes necessidades que podem surgir nesta fase da vida. O preparo social para as diversas formas de viver a velhice, sem dúvida, contribui para ampliar suas possibilidades de ser vivida de formas satisfatórias, e que cada vez mais favoreçam representações sociais mais positivas, alternativas à ideia de morte como “a saída digna que resta aos velhos”.

---

<sup>5</sup> <http://www.hollywoodreporter.com/movie/amour-austria/review/326962>.

<sup>6</sup> [http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content\\_id=2927539](http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=2927539).

## A notícia do suicídio de Walmor Chagas

Na mesma linha das representações identificadas nos comentários e críticas sobre o filme, seguem as representações presentes nos comentários suscitados pela notícia do suicídio do ator, diretor e produtor brasileiro, Walmor Chagas, aos 82 anos. A notícia que selecionamos<sup>7</sup> inicia na forma reproduzida abaixo, e segue com o relato de profissionais da área da Psicologia e Gerontologia, alertando sobre riscos da depressão em idosos.

*O suicídio do ator, diretor e produtor Walmor Chagas, no dia 18 de janeiro, trouxe à tona um assunto espinhoso, mas de suma importância: a depressão na terceira idade. Aos 82 anos, Walmor vivia praticamente isolado em um sítio no interior de São Paulo. Enxergava mal, tinha dificuldades para andar, se alimentava pouco e contava frequentemente com a ajuda de empregados para executar tarefas cotidianas. Um de seus amigos disse à imprensa que o artista teria comentado que desejaria partir, caso se tornasse uma pessoa dependente.*

Após a notícia, há um espaço para o público leitor se manifestar, escrevendo suas opiniões sobre o fato noticiado. A forma como a notícia foi construída favoreceu comentários e reflexões sobre velhice e finitude, tema deste artigo. De 106 comentários publicados, no momento em que construímos esta análise, em fevereiro de 2013, havia os que avaliassem a reportagem; os que julgassem o ato de suicidar-se (com base em argumentos de liberdade de escolha, religiosos, entre outros); os que atribuíam justificativas ao suicídio. Focamos aqueles que traziam comentários sobre a velhice, associando ou não a um julgamento sobre o suicídio em si ou o do ator. Assim, destacamos trechos em que se podem apreender diferentes representações de velhice.

Dentre estas representações, está a de que essa fase da vida pressupõe solidão – a solidão, na velhice, é assim naturalizada, sendo esta uma fase cuja condição “caótica” justificaria o suicídio:

<sup>7</sup> <http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2013/01/24/suicidio-de-walmor-chagas-serve-de-alerta-para-a-depressao-na-velhice.htm>.

*“Estava doente, perdendo a visão (não lia mais) e era só, como todo o mundo no fim da vida. Escolheu dar fim a vida por achar sua situação caótica. Não se trata de depressão. É realidade e escolha.”*

O sofrimento na velhice foi um tema destacado e que, por vezes, foi base de justificativa do suicídio, nos comentários à notícia. O sofrimento, no entanto, foi atribuído não apenas a condições físicas, mas também sociais e econômicas, o que amplia as representações que associam velhice a sofrimento, e, de certa forma, as possibilidades de combatê-lo, à medida que o sofrimento físico, nessa e em outras fases da vida, nem sempre é evitável, mas os de outras ordens são (ou deveriam ser):

*“...Ninguém se pergunta sobre tanta gente que envelhece muito bem, e não raro, pertence à alta elite...”*

*“merecia uma velhice cercada de atenção, especialmente da Empresa que dedicou grande parte de sua vida (... ) não fez absolutamente nada para tornar a velhice deste grande ator, um pouquinho melhor.”*

*“Houve um descuido de todos...”*

Percebe-se, ainda, um esforço, em alguns comentários, no sentido de não vitimizar o idoso:

*“Atenção dos outros é bom, mas fazer-se interessado e interessante depende de cada um. E, quando o resultado não satisfizer, 'ir embora' também é uma. Nada a ser lamentado ou 'curado'.”*

Destacou-se também a representação de velhice como um “peso social”. O sofrimento em destaque, aqui, seria o “gerado pela velhice” (associado ou não ao sentido pelo próprio idoso) – ou seja, seria um sofrimento do outro em função do idoso:

*“...Hoje, mais do que nunca não há, para famílias de renda média, infraestrutura para suportar um idoso. Casais trabalham, moradias cada vez menores, valores de benefício da previdência ínfimos, valor*

*de remédios altos. Tudo isto leva o idosos a tornar-se um peso, um incômodo. Dependendo do tipo de doença, ainda é pior, por exemplo doença de Alzheimer. A idade avançada só não seria um peso se tivéssemos uma infraestrutura do Estado compatível com as necessidades desta população. ...”*

Comentários que consideraram o suicídio do idoso uma “saída digna”, “lucidez”, uma “escolha sensata”, “um gesto de amor” tiveram por base uma associação de velhice a sofrimento físico, psíquico, dependência, e/ou demonstraram descrença, na maior parte das vezes, em mudanças sociais no sentido de torná-la uma fase vivida com atendimento digno às suas necessidades e às de cuidadores:

*“Por que se deixar ir até ao fim sofrendo e causando sofrimentos aos outros?”*

*“O que mais alguém de 82 anos, com doenças degenerativas irreversíveis e incapacitantes, cujo único horizonte possível é tornar-se um fardo para quem amou, pode esperar da vida? É um enorme gesto de amor próprio, amor aos que o querem bem, e não tem nada a ver com depressão. (...) O que ele fez se chama bom senso...”*

*“...Deu um fim digno numa vida digna. A dele. Me lembrou um dos irmão Graco enfrentando a morte pela mão de um escravo para não ter que se submeter ao inimigo (implacável). Viver só tem sentido quando há esperança no belo, no prazer, no bem-estar. Qual o significado de viver sendo um problema para os outros e sem maiores esperanças de alegria, com dores, perdendo rapidamente a visão (essencial ao artista) e com sofrimento? Arrisco, com muita segurança, que a morte do Walmor não decorre de nenhuma depressão. E por isso humildemente homenageio Walmor, pela vida que teve e pela dignidade com que se retirou.”*

*“O corpo é dele, a vida é dele, o sofrimento é dele e ele disse que não queria dar trabalho a ninguém...”*

Com relação às perdas de capacidades físicas e/ou mentais, as representações aparecem fortemente associadas à dignidade (ou falta de), ainda que assistência seja oferecida:

*“...Lutamos para lhe dar uma velhice digna mas eu vejo que todo esse esforço não o faz ser feliz ainda que seja bem cuidado.”*

*“...deveríamos envelhecer aos 100 anos, com o corpo e agilidade da juventude, assim viveríamos melhor...”*

*“Dizer que velhice é a melhor idade é uma imbecil...idade. Perder mobilidade é a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa. Perder a visão é pior ainda. Como a vida é sua, a decisão de interrompê-la também o é...”*

Outra representação de velhice presente é a de um tempo de perdas, um tempo artificial, ou tempo de espera até a morte que, parecendo não ter outro sentido, poderia ser abreviado:

*“...por que seria mais louvável para um homem envelhecido, que sente a diminuição de suas forças, esperar seu lento esgotamento e dissolução, em vez de, em clara consciência, fixar um termo para si?; neste caso o suicídio é uma ação perfeitamente natural e próxima, que, sendo uma vitória da razão, deveria suscitar respeito...”*

*“...a medicina está criando a velhice eterna...”*

Ao lado da ideia de “vazio” e de “falta de sentido” usadas para caracterizar esse período da vida, são ainda citadas à “cultura da juventude”, na qual o valor social é relacionado à idade dos sujeitos, deixando idosos em desvantagens que ameaçariam tanto sua autoestima como situações concretas, de emprego:

*“Vejam as novelas de hoje: só jovens, jovens e mais jovens.”*

O reconhecimento de questões, como a aposentadoria e o sentimento de utilidade social, que estiveram relacionadas aos sentimentos que poderiam interferir na vivência da velhice:

*“O homem sobra quando se aposenta.”*

*“Os colegas de trabalho somem e a gente perde o convívio social e começa a sentir se inútil e discriminado.”*

Sentimento de vulnerabilidade e negligência de autoridades com relação à violência física contra o idoso foram outros argumentos usados para justificar o suicídio de idosos. A velhice aparece como uma fase em que se está indefeso e sujeito a violências. O velho surge como alguém passível de abusos:

*“...POUCA GENTE SABE - de velhinhos tem MUITA GENTE QUE ABUSA (...) PRINCIPALMENTE NESTES ASILOS E CASAS DE "REPOUSO", mesmo as de melhor qualidade!!!! A própria POLÍCIA sabe disso e recebe "cala a boca" delas. É A PURA VERDADE, GENTE!!!”*

Aqui cabe lembrar que, como aponta Watanabe (2009), “decidir pela institucionalização de um familiar muitas vezes é difícil, principalmente na cultura brasileira” (p.26). A autora afirma ainda:

Uma das consequências da institucionalização é o despojamento dos papéis sociais do idoso. O indivíduo perde indicações que revelam sua posição social no mundo externo, o que muitas vezes significa a perda do “eu”. Ele é orientado sobre seus direitos e deveres na instituição; muitas vezes não possui as chaves de seu dormitório e tem de dividi-lo com pessoas desconhecidas; seus pertences pessoais são arrolados e identificados; passa a ter horários preestabelecidos para atividades cotidianas, como tomar banho, fazer as refeições, descansar etc., prejudicando, portanto, sua individualidade. (ibid., p.25)

O reconhecimento da diversidade da velhice e suas representações positivas estão presentes em comentários que apontam a “ausência de problemas sérios”, “de causar inveja”, destacando-se uma postura de “naturalidade em relação à velhice”, “equilíbrio”, resiliência, ora como um mistério manifesto em frases como “ela deve ter lá os seus momentos de tristeza, mas deve ter alguma fórmula muito boa para superar isso”; ora como conhecimento:

*“...invocando novas motivações prazerosas, sem prejuízo de fazer a pessoa valorizar a si própria e à sua vida, independentemente das eventuais "perdas" que experimenta ao longo de seu caminhar terreno.”*

Surge tanto associada a questões econômicas, quanto como independentemente destas:

*“É claro que estou falando de uma pessoa rica e famosa, mas devem existir muitos outros casos de pessoas anônimas.”*

E houve ainda quem tenha se lembrado da necessidade de “nos preparamos para a velhice”. Esses posicionamentos, no entanto, estiveram associados explicitamente ao sentido individual de cuidado (que atribuem responsabilidades individuais à condição vivida na velhice, e que se relacionam a estilo de vida – nutrição, cuidados – e no sentido espiritual, relacionada a medo de viver e de morrer). Quando citadas, as questões socioeconômicas foram apontadas enquanto queixa e constatação, e não necessidade de transformação.

Diante do exposto, podemos perceber que as representações de velhice são diversas, e que, quando associadas a “sofrimento” (ora do idoso; ora causado pelo idoso – “fardo” – ora uma associação deles), e “dependência”, e esta condição parece irreversível, tornam-se argumentos que justificam a morte como saída digna, sensata.

Nos dois acontecimentos selecionados neste artigo, velhice e morte são temas paralelos, ora contestados, ora reafirmados em suas ligações, nos comentários e polêmicas que suscitam, permitindo reflexão sobre a velhice enquanto finitude. O que está instituído; o que sugere e demanda desconstruções e (re)construções; o que está



naturalizado na sociedade e o que é contextualizado, são discussões necessárias para a construção de uma velhice que possa ser vista na sociedade como a fase almejada e digna de ser vivida, que faça jus ao anúncio de sua possibilidade de existência.

Não pretendemos aqui julgar as opiniões expressas no material citado, nem mesmo condenar o direito à Eutanásia, diante de sofrimento irreversível. Trata-se apenas de compreendermos, no caso da velhice, o que tem sido considerado “irreversível”, destacando a necessidade de se observar que muitas construções sociais relativas ao tema parecem ser naturalizadas e associadas à velhice, levando à defesa da morte como saída digna a uma situação “sem solução”. Neste “sem solução”, incluem-se, como pudemos verificar, entre outras condições, falta de apoio social; falta de estrutura à velhice; falta de amparo a cuidadores; solidão; dependência; dor; sofrimento físico e psicológico.

## Referências

- Araújo, L.F., Coutinho, M.P.L. & Santos, M.F.S. (2006). O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 89-98. Recuperado em 15 janeiro, 2012, de: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/11.pdf>.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Bimbato, A.M.J. (2008). *A representação de velhice entre os profissionais que atuam nos Núcleos de Saúde da Família*. Dissertação de mestrado. Ribeirão Preto (SP): Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Costa, F.G. & Campos, P.H.F. (2009). Representação Social da Velhice, Exclusão e Práticas Institucionais. *Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas*, 1(1). Recuperado em 10 março, 2011, de: <http://www.crp09.org.br/NetManager/documentos/v1n1a6.pdf>.
- Guerra, A.C.L.C. & Caldas, C.P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciênc. saúde coletiva*, 15(6), pp. 2931-2940. Recuperado em 15 janeiro, 2012, de: [http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232010000600031&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232010000600031&script=sci_arttext).
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (Org.). *As representações sociais*. Lilian Ulup, Trad. Rio de Janeiro (RJ): EdUERJ.
- Leal, M.G.S. (2009). Psicologia do envelhecimento. In: Pelegrino, P.S. *Perspectiva biopsicológica do envelhecimento* (Paulo Sergio Pelegrino, Maria das Graças Sobreira Leal. Coordenação geral: Áurea Eleotério Soares Barroso). São Paulo (SP): Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Fábio dos Santos Creder Lopes, Trad. Petrópolis (RJ): Vozes.

- Mercadante, E.F. (2009). Velhice: identidade e subjetividade. *In: Queiroz, Z.P.V. Perspectiva cultural do envelhecimento.* (Zally P.V. Queiroz, Elisabeth Frohlich Mercadante & Ruth G. da Costa Lopes. Coordenação geral: Áurea Eleotério Soares Barroso). São Paulo (SP): Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta.
- Minois, G. (1999). *História da velhice no Ocidente – da Antiguidade ao Renascimento.* Serafim Ferreira, Trad. Lisboa (Portugal): Editorial Teorema.
- Paúl, C. (2012). Tendências atuais e desenvolvimentos futuros da Gerontologia. *In: Paúl, C. & Ribeiro, O. (Coords.). Manual de Gerontologia.* Lisboa-Porto (Portugal): Lidel.
- Paúl, C. & Ribeiro, O. (2012). Introdução. *In: Paúl, C. e Ribeiro, O. (Coords.). Manual de Gerontologia.* Lisboa-Porto (Portugal): Lidel.
- Silva, L.R.F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. Rio de Janeiro (RJ): *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 15(1), 155-168.
- Teixeira, M.C.T.V., Franchin, A.B.B., Durso, F.A., Donati, L.B., Facin, M.M. & Pedreschi, P.T. (2007). Envelhecimento e rejuvenescimento: um estudo de representação social. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10(1). Rio de Janeiro (RJ): Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Aberta da Terceira Idade, Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento.
- Vianna, L.G., Loureiro, A.M.L. & Alves, V.P. (2012, agosto). O velho e a morte. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(n.º especial 12), “Finitude/Morte & Velhice”, pp.117-132. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Recuperado em 01 fevereiro, 2014, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17040/12646>.
- Watanabe, H.A.W. (2009). Instituições de longa permanência para idosos. *In: São Paulo (Estado). Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social. Rede de atenção à pessoa idosa.* São Paulo (SP): Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta.

Recebido em 06/02/2014

Aprovado em 30/03/2014

---

**Maria Angélica Ferreira Dias** – Psicóloga, doutoranda da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto. Bolsista CAPES /Processo: 7349-12-2.

E-mail: mariaangelicadias@uol.com.br

**Constança Paúl** – Psicóloga, Professora Catedrática de Psicologia no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Diretora da UNIFAI/ICBAS-UP e do Programa Doutoral em Gerontologia e Geriatria (Universidade do Porto e Universidade de Aveiro).

E-mail: paul@icbas.up.pt

**Helena Akemi Wada Watanabe** – Enfermeira, Professora Doutora do Programa de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública e do Programa de Mestrado Profissional Interunidades Formação Interdisciplinar em Saúde, ambos da Universidade de São Paulo.

E-mail: hwatanab@usp.br